

MARIA FIRMINA DOS REIS, SÉCULO XIX, MARANHÃO, BRASIL

MARIA FIRMINA DOS REIS, XIX CENTURY, MARANHÃO, BRASIL

Maria Helena P. T. Machado

Universidade de São Paulo

hmachado@usp.br

Resumo: O artigo a seguir enfoca a trajetória da escritora maranhense do século XIX, Maria Firmina dos Reis. O objetivo do texto é apresentar uma análise preliminar das principais motivações e características literárias do romance Úrsula. A partir da leitura de trechos de seu diário íntimo, o artigo introduz algumas reflexões sobre as principais razões de suas escolhas literárias.

Palavras-chave: Literatura Afro-brasileira; Abolicionismo; Antirracismo.

Abstract: The following article focuses on the maranhense writer Maria Firmina dos Reis' life and literary trajectory. The goal is to present a preliminary analysis of the main motives and literary characteristics of the novel Úrsula. Bringing to light pieces of Firmina's intimate diary, the article introduces a set of reflections about the motifs of her literary choices.

Keywords: Afro-Brazilian literature; Abolitionism; Anti-Racism.

*[...] sou mano de quebrada, sou mina de favela
sou todos que lutam por um mundo sem miséria
sou mano de atitude, sou mina que é de fibra
herói de preto é preto tipo Cosme e Firmina ¹*

~Hip Hop do Maranhão

Neste século XXI, o movimento feminista negro no Brasil tem se empenhado em desconstruir a falácia de que o Brasil teve uma “democracia racial”. No século XX, este conceito – de que a nação era baseada na igualdade racial – acabou inibindo a emergência de uma discussão social aberta sobre preconceito racial, mascarando a dura realidade da experiência do racismo, vivida por boa parte dos brasileiros e brasileiras afrodescendentes. O feminismo negro se constitui hoje uma referência poderosa contra setores autoritários e patriarcais que continuam a exercer o poder político no Brasil da atualidade. Parte deste projeto envolveu a conscientização a respeito de pioneiros dos direitos civis, como Maria Firmina dos Reis (1822/25-1917).

A estrofe do hip-hop da epígrafe acima, ouvida em sua cidade natal, São Luís no Maranhão, expressa a importância política alcançada por esta escritora negra, a qual permaneceu, até tempos recentes, relativamente desconhecida nos círculos literários nacionais. A evocação de Maria Firmina junto ao Cosme – um escravizado fugido que comandou um quilombo durante a Balaiada (1838-41) – confirma o status dela como um símbolo antirracista no Brasil. Maria Firmina ressurgiu também como um ícone feminista do século XXI.

Essa nova consciência política reconheceu Maria Firmina dos Reis, autora do romance *Úrsula*, publicado em 1859, como a fundadora da literatura afro-brasileira. Seu método artístico de reunir memórias de amigos escravizados, compondo uma narrativa apaixonada, coloca Maria Firmina em um lugar único. Ela

¹ Letra de música citada em SILVA, Régia Agostinho da. **A Escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as Representações sobre Escravidão e Mulheres no Maranhão na segunda metade do Século XIX.** [Tese de doutorado] Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014, p. 104.

surge como uma voz solitária no âmbito do abolicionismo brasileiro, e funda, nesse processo, o movimento literário afro-brasileiro.

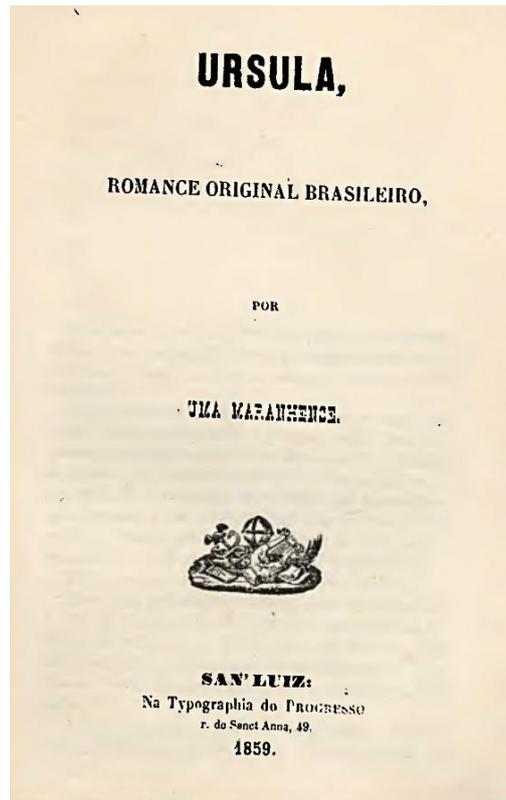
Foi apenas na década de 1970, um século após a aparição de breves resenhas nos jornais de São Luís, que a sorte do livro e de sua autora deram uma guinada para melhor.² Tudo começou quando o bibliógrafo e colecionador Horácio de Almeida comprou um conjunto de livros antigos no Rio de Janeiro e se deparou com um pequeno volume com o seguinte título em seu frontispício: “*Úrsula*, Romance Original Brasileiro, por Uma Maranhense”.³ Mais tarde, descobriu o bibliógrafo que tinha em mãos uma publicação preciosa: um romance escrito por uma professora de escola primária que estava bem à frente de seu tempo para os padrões brasileiros, intrigante em várias perspectivas.⁴ O livro combinava uma narrativa ultrarromântica focada em um trágico casal branco apaixonado, com uma análise crítica da escravidão e da sociedade brasileira, patriarcal e escravocrata. O aporte crítico emergia apoiado em personagens africanos e afro-brasileiros escravizados que refletiam sobre um mundo que os afligia com as injustiças e tirania da escravidão, e com as memórias de suas origens e dos traumas de seus próprios passados. *Úrsula* não apenas foi o primeiro romance escrito por uma mulher afrodescendente a ser publicado no Brasil, como suas críticas contundentes contra o racismo demonstram uma compreensão alargada do problema racial em nosso país tornando-se um dos pilares da literatura afro-brasileira.⁵

² MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina dos Reis**: Fragmentos de uma vida. São Luís: Governo do Maranhão, 1975.

³ REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Romance Original Brasileiro, por Uma Maranhense. San Luiz: Typographia do Progresso, 1859.

⁴ Ver ALMEIDA, Horácio de. Prólogo. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1975.

⁵ *Úrsula* está ao lado das Primeiras Trovas Burlescas de Getulino, do ex-escravizado, autodidata, advogado e poeta Luiz Gama, publicadas também em 1859. Ver: GAMA, Luiz. **Primeiras trovas burlescas de Getulino**. 1. ed. São Paulo: Typographia Dous de Dezembro, 1859. Ver também FERREIRA, Lígia F. Ethos, poética e política nos escritos de Luiz Gama. **Revista Crioula**. São Paulo, nº12, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/57813/60862>. Acesso em: 10/01/2022.



A ausência do nome da autora Maria Firmina dos Reis na capa do livro demonstra a privação de direitos de mulheres afro-brasileiras.

Fonte: Maria Firmina dos Reis. **Úrsula**, Romance Original Brasileiro, por Uma Maranhense. San Luiz: Typographia do Progresso, 1859.

Aqueles que têm estudado o trabalho de Firmina desde sua redescoberta têm sublinhado sua abordagem excepcional de muitos assuntos, e em especial, da escravidão. O fato de que ela transformou indivíduos escravizados, os quais ela pode ter conhecido, em figuras ficcionais de *Úrsula* sempre chamou a atenção. Seus personagens escravizados são sujeitos que refletem sobre suas vidas e tecem narrativas sobre sua opressão, no passado e no presente. A originalidade de sua narrativa está em dotar estas figuras escravizadas com uma consciência e percepção que seus personagens principais, não escravizados, não têm. Maria Firmina dos Reis foi uma das primeiras autoras brasileiras que de maneira intencional e consciente quebrou barreiras raciais, sociais e de gênero, para revelar que mulheres e homens negros possuíam consciência histórica e podiam tematizar e refletir sobre a opressão da escravidão.

A edição *fac-símile* de 1975, celebrando o 150º aniversário de nascimento de Maria Firmina dos Reis, representou um marco na recuperação da sua obra.⁶ Neste mesmo ano, Nascimento de Moraes Filho (1922-2009) — ativista e intelectual negro do Maranhão — publicou seu *Fragmentos de uma Vida*, uma biografia minuciosamente pesquisada, que a tirou, de uma vez por todas, do anonimato de quase um século.⁷ Em *Fragmentos*, Moraes Filho compilou e examinou toda a obra da autora que, além de *Úrsula*, incluía o romance *Gupeva* (1861), o conto abolicionista *A Escrava* (1887), e uma série de poemas publicados pela imprensa maranhense. Firmina também contribuiu com o livro *Parnaso Maranhense* (1861) e publicou seus versos no volume *Cantos à Beira Mar* (1871). Além de sua ficção e poesia, Nascimento de Moraes também compilou composições e letras da autora, incluindo o “Hino à Libertação dos Escravos” de 1888, valsas, pastorais como “Estrela do Oriente”, e canções. Por fim, com a ajuda de um dos filhos adotivos informais de Firmina, Nascimento de Moraes publicou, sob o título *Álbum*, um certo número de anotações do diário da autora. Parte restante deste documento foi supostamente roubado após a morte de sua proprietária. No entanto, uma explicação mais provável para a fragmentação do diário é a de que a família o censurou, retirando parte do conteúdo, considerado muito íntimo para leitura pública.⁸

O *Álbum* apresenta diferentes itens que se enquadram nos parâmetros habituais de um diário escrito no século XIX: entradas sobre comemorações familiares, comparecimento a eventos sociais, como casamentos, partidas e chegadas, e reflexões sobre a vida da autora.⁹ Particularmente impactantes são as entradas que falam sobre a morte de uma série de crianças adotadas ou informalmente criadas pela autora, e o profundo sofrimento que essas perdas causaram à Firmina. O *Álbum* também contém passagens que expressam solidão profunda, fragilidade pessoal e vazio; sentimentos estes que aparecem geralmente

⁶ REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*, fac-símile. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1975.

⁷ MORAIS FILHO, José Nascimento. *Op. Cit.*, 1975.

⁸ Luiza Lobo expressa suas dúvidas sobre a veracidade do roubo como razão para a fragmentação do *Álbum*. Ver: LOBO, Luiza. *Autorretrato de uma Pioneira Abolicionista*. In: **Crítica sem juízo**: ensaios. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

⁹ MACHADO, Maria Helena P.T., **Raça, Ciência e Viagem no Século XIX**. São Paulo: Intermeios, 2018, p. 89-112.

descritos em episódios noturnos. A melancolia da autora fica evidente em suas reflexões sobre mortes de mulheres que, embora tenham permanecido anônimas na escrita, haviam lhe despertado sentimentos de grande profundidade. Por outro lado, as passagens mais alegres do diário são sobre sua amiga íntima, Teresa de Jesus Cabral, que morava na cidade de São Luís. Firmina dedicou poemas sensuais com reflexões sobre o amor à Teresa. O *Álbum* é considerado o primeiro diário escrito por uma mulher a ser publicado no Brasil.¹⁰

Maria Firmina dos Reis e *Úrsula*: seu tempo e sua história

Filha ilegítima de um pai negro, ela também negra e proveniente de uma família modesta, Maria Firmina carregava consigo todo o estigma da desqualificação social. Ela nasceu em 11 de outubro de 1825 (ou em 11 de março de 1822, dependendo da fonte), e sua certidão de nascimento a registrou como filha de pais solteiros, João Pedro Esteves e Leonor Felipa dos Reis.¹¹ Documentos descobertos recentemente sugerem que a mãe da autora possa ter sido uma mulher liberta, mas essa especulação requer confirmação adicional.

O Maranhão era uma província distante e periférica no desenho político imperial. Localizada no extremo norte do Império brasileiro, o Maranhão possuía um passado de fidelidade lusófona e poderio comercial atlântico, o qual, porém, se tornava cada vez mais distante à medida que o Sudeste se tornava o polo econômico e político do país. Segundo Matheus Gato de Jesus, a elite maranhense aderiu ao pacto imperial muito a contragosto, preservando como contradiscurso o apego aos padrões europeizados e lusitanos, difundidos pela maciça presença portuguesa.¹² O único acesso ao mundo da literatura era a capital São Luís, a qual possuía uma comunidade de escritores e jornalistas, que estabeleceram novos jornais, publicaram romances e poesias. Um número significativo de figuras literárias importantes da época era de lá, mas eram homens da elite que tendiam a

¹⁰ MORAIS FILHO, José Nascimento. *Op. Cit.*, 1975, p. 18-9.

¹¹ Documentos recém-descobertos levantaram dúvidas sobre o ano de nascimento da autora e a origem de sua mãe, Leonor Reis.

¹² JESUS, Matheus Gato. **Racismo e Decadência**. Sociedade, Cultura e Intelectuais em São Luiz do Maranhão. [Tese de Doutorado] Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo 2015, p. 16-58.

se mudar para o Rio de Janeiro assim que pudessem. Firmina nunca participou do círculo literário da denominada Atenas brasileira.¹³

Em seus escritos, Firmina relembrou uma infância atormentada passada na casa de sua tia. Sua mãe, Leonor Reis, levou os filhos para viver com a irmã numa cidade do interior da então província do Maranhão, Guimarães, quando Firmina tinha apenas cinco anos. Ela descreveu em seu diário que ela: “*De compleição débil e acanhada, eu não podia deixar de ser uma criatura frágil, tímida, e por consequência melancólica: uma espécie de educação freirática, veio de remate à estas disposições naturais.*”¹⁴ Guimarães era um lugar onde todos se conheciam, porém, a posição social de cada pessoa e/ou família estava relacionada com o estado civil e cor da pele. Talvez para protegê-las do preconceito por conta de sua ilegitimidade e cor, Leonor isolou suas filhas naquela casa e restringiu seu contato com outros familiares.

Crescer em uma casa que incluía pessoas escravizadas moldou o senso de comunidade e responsabilidade familiar de Firmina. Embora tenha permanecido solteira por toda a vida, a escritora criou uma família por meio do apadrinhamento, tornando-se madrinha de dezenas de crianças escravizadas ou desfavorecidas socialmente. Nesta função, Firmina atuou como mãe ou segunda mãe de onze crianças, a maioria delas negras e filha de escravizadas, que viviam na casa de sua tia. O apadrinhamento fortaleceu suas conexões com pessoas que haviam sido suas amigas e companheiras de infância. Ela escreveu sobre preocupações e dificuldades na criação de tantos filhos e filhas,¹⁵ constantes doenças e mortes são assuntos duramente enfrentados nas páginas do diário. Mas, a autora também descreveu as alegrias e tristezas da maternidade como elementos centrais para o seu senso de identidade. Firmina morreu na casa de uma liberta, mãe de um de seus afilhados, o qual ela havia sustentado financeiramente e providenciado sua

¹³ Sobre o círculo literário denominado “Atenas Brasileira” ver: RESENDE, Rafael Serra. “**Atenas Brasileira**”: Representações sobre o Mito (1840-1880). [Monografia] UEMA, 2007.

¹⁴ MORAIS FILHO, José Nascimento. *Op. Cit.*, 1975, p. 211.

¹⁵ Menções esparsas referindo-se a alegrias e tristezas com relação aos filhos e filhas adotivas ou afilhados e afilhadas pode-se encontrar em: FURTADO, Lucciani M. (org) **Memorial de Maria Firmina dos Reis**. Prosa Completa & Poesia. São Paulo: Uirapuru, 2019, p. 390, 38, 40, entre outras.

educação. Seu compromisso em manter relacionamentos com sua família estendida lhe trouxe conforto emocional por toda a vida.

Um episódio relacionado à nomeação de Maria Firmina, em 1847, como primeira professora primária de Viamão – superando outras duas candidatas ao posto – demonstra sua relação empática com as pessoas escravizadas. Para celebrar o sucesso da filha, Leonor, sua mãe, sugeriu que ela fosse transportada em palanquim (liteira suspensa por varais), carregada por escravos de propriedade de sua tia Henriqueta, para receber seu diploma. Maria Firmina recusou de imediato, dizendo que “negro não é animal para se ir montando nele”, e foi a pé. Esse episódio mostra como, desde muito jovem, Firmina tinha uma percepção aguda do que era escravidão, e se opôs a ela.¹⁶ A autora entendia muito bem os efeitos da escravidão sobre aqueles com quem mantinha laços estreitos.

A situação social anômala em que se encontrava, por ser uma mulher negra de meios modestos que, no entanto, era uma intelectual, professora, autora, poeta e musicista, com papel de liderança em sua cidade, resultou em uma solidão considerável. Os fragmentos de sua vida, narrados em seu diário, evidenciam a dualidade da experiência social de Firmina. Como professora e autora, ela participou de eventos, recebeu honrarias e reconhecimento de sua autoridade como educadora, intelectual e escritora de romances e poemas. E ainda assim, sua vida pessoal era restrita às responsabilidades familiares, incluindo aquelas para com os escravizados e órfãos. Ser uma professora célebre e admirada carregava algum peso social, mas isso não a protegia da discriminação racial. No Brasil do século XIX, as mulheres negras intelectuais, ainda mais do que os homens negros, definhavam em um vácuo social.¹⁷

A única publicação a reconhecer o talento de Maria Firmina foi uma revista literária sediada na cidade de São Luís.¹⁸ O crítico em questão afirmou que sua obra se beneficiou do fato de ter sido escrita por uma mulher, já que as romancistas do sexo feminino, embora fossem pouco numerosas, já haviam

¹⁶ MORAIS FILHO, José Nascimento. *Op. Cit.*, 1975, p. 13.

¹⁷ Entre esses intelectuais estavam Luiz Gama, José do Patrocínio, André Rebouças, e Paula Brito. Ver: PINTO, Ana Flávia Magalhães e CHALHOUB, Sidney (eds.). **Pensadores negros - pensadoras negras**: Brasil, séculos XIX e XX. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2016.

¹⁸ Jornal: **A Verdadeira Marmota**. São Luís, 13 de maio de 1861.

demonstrado serem capazes de construir retratos muito mais tocantes e ternos do que seus correspondentes masculinos. Ele ainda acrescentou que só as mulheres sabiam infundir em suas palavras sentimentos delicados e uma moralidade elevada. De acordo com ele, quando surgia uma mulher com força de espírito para superar os obstáculos impostos por uma educação frágil e superficial, geralmente o fazia com a magnitude de uma George Sand ou, mais pungentemente ainda, de uma Harriet Stowe. O resenhista reconhecia ainda a existência de um gênero literário liderado por mulheres – o romance romântico composto por cenas comoventes.

A menção do crítico à Harriet Beecher Stowe é significativa porque vincula Maria Firmina ao movimento literário abolicionista anglófono que engolfou o Atlântico a partir da segunda metade do século XIX. O surgimento da literatura antiescravista sentimentalizada nos Estados Unidos enviou ondas de choque ao redor do atlântico em meados do século XIX, alcançando seu apogeu com a publicação de *A Cabana do Pai Tomás*, de Stowe, em 1852. O romance foi um sucesso absoluto nas Américas e na Europa.¹⁹ Críticos literários contemporâneos raramente valorizaram este tipo de literatura, mas estudiosos têm reavaliado o gênero enfatizando tanto seu apelo popular, como a postura dos autores/autoras de defender perspectivas de personagens marginalizados socialmente, como crianças, viúvas e pessoas escravizadas.²⁰

A literatura sentimental que misturava enredos dramáticos compostos por doses arrebatadoras de romance, morte e separação, com um forte apelo cristão que propunha o autoaperfeiçoamento por meio da literatura e da leitura e meditação de temas bíblicos, andava de mãos dadas com as nascentes ideias burguesas sobre a centralidade do amor materno e educação familiar. Na verdade, essa literatura, escrita para um público feminino – mães e donas de casa – ressaltava o papel das mulheres na resolução de conflitos sociais, os quais deveriam ser enfrentados com paciência, resignação e altruísmo no contexto de

¹⁹ DAVIS, Tracy C. e MIHAYLOVA, Stefka (eds.) **Uncle Tom's Cabins: The Transnational History of America's Most Mutable Book**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2018, p. 1-32.

²⁰ TOMPKINS, Jane P. **Sensational Designs: The Cultural Work of American Fiction, 1790-1860**. New York: Oxford University Press, 1985, p. 122-46.

uma vida cristã.²¹ A retórica abolicionista anglo-saxã era baseada em um vocabulário sentimental e feminino, e *A Cabana do Pai Tomás* foi seu carro-chefe literário.²²

Em nossas concepções atuais, *A Cabana do Pai Tomás* apresenta muitas falhas: um tom irritantemente paternalista, carregado de elogios aos escravizados considerados “leais”, a presença de subtextos e injunções racistas e sentimentalistas, além de falhas narrativas mais profundas, as quais demandariam mais espaço de discussão. E apesar de seus óbvios problemas, o romance de Stowe promoveu o abolicionismo humanitário cristão e propôs uma estrutura aceitável na qual foi possível conceber o fim da escravidão tanto no mundo anglo como no Brasil.²³

Originalmente publicado em inglês, o livro *A Cabana do Pai Tomás* apareceu em português em 1853, em uma edição preparada na França para ser vendida em Portugal. Essa primeira tradução, muito popular, foi marcada por um tom conservador. Tendo parte da população das colônias portuguesas na África e no Brasil escravizada, era preciso moderar o tom. Assim, a edição foi cuidadosamente preparada para atender às demandas emancipacionistas e gradualistas abraçadas por Portugal e pelo Império brasileiro.²⁴ É interessante notar que, embora o romance tenha tido no Brasil, entre as décadas de 1850 e 1870, em comparação a outros países, uma circulação mais limitada, os jornais de São Luís o promoveram ativamente a partir de agosto de 1853.²⁵

Uma leitura cuidadosa de *Úrsula* revela que embora o Stowe tenha influenciado a escrita de Firmina, o romance da autora brasileira superou a prosa sentimental abolicionista. Maria Firmina dos Reis desenvolveu uma narrativa

²¹ STOKES, Claudia. **The Altar at Home: Sentimental Literature and Nineteenth-Century American Religion.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2014, p. 1-20.

²² WOOD, Marcus, **Blind Memory: Visual Representations of Slavery in England and America, 1780-1865.** New York: Routledge, 2000, p. 143-214.

²³ FREDRICKSON, George M. **The Black Image in the White Mind: The Debate on Afro-American Character and Destiny, 1817-1914.** Middletown: Wesleyan University Press, 1987, p. 97-129.

²⁴ FERRETI, Danilo José Zioni. A publicação de "A cabana do Pai Tomás" no Brasil escravista. O "momento europeu" da edição Rey e Belhatte (1853). **Varia História**, Belo Horizonte, v. 33, n. 61, 2017; GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Pai Tomás no romantismo brasileiro. **Teresa**, n. 12-13, p. 421-429, 2013.

²⁵ FERRETI, Danilo J.Z. *Op. Cit.*, 2017, p.216; MARTIN, Charles. Uma rara visão da liberdade. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula.** Rio de Janeiro: Presença, 1988, p. 9.

muito mais complexa que capturou a estrutura patriarcal escravista da sociedade brasileira da época, presente especialmente nas famílias dominantes de proprietários rurais, que se mantinham ainda intocados por uma esfera pública em rápida expansão em outros âmbitos, como nas cidades. Lembremos que apenas nas décadas seguintes, sobretudo a partir da Lei do Ventre Livre, é que a intromissão do estado decididamente adentrou na esfera privada senhorial.²⁶ Ao dar voz e agência aos seus personagens escravizados, o romance de Firmina abriu novos caminhos narrativos para se tornar peça-chave da literatura afro-brasileira.²⁷ A análise a seguir concentra-se na trama e no vocabulário de *Úrsula*, realçando as vozes dos escravizados e escravizadas que invadem o romance e ofuscam o sentimentalismo com algo inteiramente novo.

Narrativa de Firmina

Sublinhar a influência do sentimentalismo da literatura abolicionista ajuda a investigar a concepção de Maria Firmina sobre escravidão e liberdade. O enredo de *Úrsula* se desenvolve em um contexto em que os proprietários de escravos detêm um poder considerável e, ainda assim, as personagens femininas livres e escravizadas são capazes de influenciar a família e a sociedade e, portanto, impor certa agência.²⁸ Em seu romance, a autora teceu uma sólida e impiedosa crítica tanto às estruturas patriarcais, quanto à escravidão, e dessa forma, conectou esses dois pilares da sociedade brasileira – patriarcalismo e escravidão – em uma só abordagem.

O romance trata da união romântica entre Tancredo e a homônima Úrsula. Jovens e entusiasmados, o amor dos dois é puro, altruísta e desprovido de paixões carnavais na medida em que ambos controlam seus desejos e instintos por meio da benevolência, bondade e empatia para com aqueles que sofrem. Eles se

²⁶ CASTILHO, Celso Thomas, *The Press and Brazilian Narratives of Uncle Tom's Cabin: Slavery and the Public Sphere in Rio de Janeiro, ca. 1855*. **The Americas**, Cambridge, v. 76, no. 1, 2019.

²⁷ DUARTE, Eduardo de Assis. "Úrsula e a desconstrução da razão negra ocidental". In: **Úrsula**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017, p. 229.

²⁸ *Ibidem*, p. 228.

apresentam como pessoas de sentimentos nobres, embora ambos pertençam às famílias patriarcais e escravistas, nas quais o senhor governa o mundo da casa.

O enredo do romance narra o amor do casal no contexto da vida familiar de Úrsula. Ela e sua mãe, Luíza, vivem uma existência modesta, apesar de serem provenientes de uma família rica. O tio de Úrsula, Comendador P., deserda a irmã Luíza por não aprovar sua escolha para marido, o qual se revelou um jogador devasso que dilapidava os bens de sua esposa. O Comendador acaba mandando matar o cunhado inadequado, deixando sua irmã viúva e com uma filha para cuidar. Ao quitar a dívida do marido morto, Luíza perde tudo, com exceção de sua modesta casa e dois escravizados: Túlio, que cresceu vendo o Comendador P. matar de trabalhos sua mãe; e Mãe Susana, esposa e mãe capturada na África e vendida como escrava, que acabou se tornando uma espécie de mãe adotiva do jovem Túlio.

Todos os personagens são nobres. Luíza é uma senhora religiosa e mãe amorosa, que nunca reclama de seus problemas. Úrsula é uma donzela virgem que age de acordo com os mais nobres sentimentos. Túlio é um homem que sofreu muito com a morte de sua mãe e tem um senso profundo a respeito das injustiças perpetradas pela instituição escravista, mas apesar disso não é amargo e procura viver uma vida pura e nobre. A resignada Mãe Susana, traumatizada por sua captura, venda e escravidão, sofre pela perda de sua vida e família africanas, suportando as muitas adversidades da escravidão da melhor maneira possível, sem rancor ou ódio. Ambos os escravizados sabem que a escravidão é injusta e imposta por proprietários de escravos vis e violentos, guiados pela ganância, orgulho, luxúria e crueldade sádica.

O destino faz com que o jovem Túlio salve o herói do romance, Tancredo, que havia sofrido um sério acidente quando cavalgava sem rumo, e o conduziu à casa de Luíza para se recuperar. Mais tarde, Tancredo reconhece Túlio como seu igual e compra sua alforria por gratidão. Túlio, apesar de livre, continua ajudando seu benfeitor voluntariamente. A dívida de gratidão é mútua. Tancredo conhece Úrsula durante seu período de convalescença, surgindo entre eles um amor profundo e puro. O par se apaixona, ficam noivos e fazem planos para o futuro, mas são frustrados pelo anti-herói, Comendador P., que decide forçar sua sobrinha a se

casar com ele. A desgraça, representada pela possibilidade de união entre Úrsula e seu tio, se prova demais para Luíza, que morre devido à humilhação a ela imposta. Com a ajuda de Tancredo e Túlio, Úrsula foge do Comendador P. e se refugia em um convento, onde se prepara para se casar com seu verdadeiro amor, Tancredo.

Rapidamente Túlio cai nas garras do Comendador P., que exige saber o paradeiro de sua futura esposa. No entanto, graças à ajuda involuntária de um escravizado do Comendador P., Antero, Túlio se livra das garras de seu captor e viaja para avisar Tancredo a respeito da vingança planejada pelo tio de Úrsula, que pretendia interromper o casamento e assassinar o noivo. No entanto, Túlio é morto no caminho. Por seu turno, Mãe Susana é acusada de acobertar a heroína em fuga e se entrega para o Comendador P. Isto apesar de ela ter sido fortemente aconselhada, tanto pelo padre que assistia a fazenda do próprio Comendador, quanto por um escravo, a fugir das garras cruéis deste senhor. Em uma cena emblemática e altamente sentimentalizada, Mãe Susana caminha para o seu sacrifício enquanto recita um salmo bíblico – um toque incomum em um país católico onde passagens bíblicas raramente eram memorizadas.

No final, o Comendador P. assassina o seu rival Tancredo e captura Úrsula. Recusando-se a se casar com seu tio, ela mergulha na loucura e morre de desespero. Por fim, frente a esta enorme tragédia, o Comendador P. se conscientiza de seus erros, se arrepende das barbáries que cometeu, decidindo então se tornar um monge. Assim, termina seus dias em um mosteiro.

Todos os personagens de *Úrsula* morrem ou sobrevivem, mas são incapazes de realizar seus sonhos ou objetivos: os bons, devido um intrínseco senso de auto sacrifício e nobreza; os maus, vítimas de sua própria crueldade. O romance associa abandono, autoritarismo e crueldade com a tirania de um sistema patriarcal e senhorial, que não promove o autocontrole ou não limita os impulsos egoístas dos senhores. Submetidos a esses tiranos, mulheres brancas — esposas, noivas, sobrinhas — e homens e mulheres escravizados são mergulhados em uma teia de horrores. No entanto, o romance não propõe a revolução como solução, mas sim a autoimolação e uma teimosa insistência em preservar a pureza do bem, como as únicas virtudes que poderiam inspirar um futuro mais humanista e altruísta. Qualidades femininas valorizadas pelo sentimentalismo, como sacrifício, mansidão

e altruísmo são postuladas como as únicas forças capazes de domar a fera das paixões senhoriais. Mulheres e escravizados/escravizadas, vítimas do regime, se comportam de maneira semelhante e defendem os mesmos valores. Mas, ao permitir que personagens escravizados, especialmente Túlio e Mãe Susana, adquirissem autonomia narrativa por meio da autorreflexão, *Úrsula* inovou e inaugurou uma nova voz na literatura brasileira.

Agência e Consciência: Túlio e Mãe Susana

Enquanto tecia a trama dramática do romance, em que os protagonistas atuam de acordo com padrões sentimentais, Firmina encontrou espaço para promover interrupções narrativas apresentadas por Túlio e Mãe Susana. Os dois invadem a história com suas introspecções e reflexões sobre suas vidas, sobre os erros da escravidão, refletindo também sobre suas opções restritas diante da opressão de seus proprietários. São nesses momentos que *Úrsula* realmente se destaca, ocupando um lugar totalmente original na literatura romântica abolicionista do século XIX.

O romance é salpicado por indícios da existência dessa consciência por parte dos escravos, mas uma das cenas mais significativas nesse sentido apresenta-se quando Tancredo estende a mão para Túlio. A turbulência interna de Túlio se espalha pelas páginas, com uma descrição muito reflexiva e pormenorizada dos pensamentos do jovem sofredor. Ele sabe que merece um tratamento socialmente digno, mas sua condição sempre lhe deu razões para desconfiar e temer a proximidade de pessoas brancas. A passagem a seguir trata das reflexões de Túlio sobre o significado da escravidão, mas também sobre seus limites, já que ela só pode escravizar o corpo, mas nunca a mente:

Tu que não esmagaste com desprezo a quem traz na fronte estampado o ferrete da infâmia! Porque ao africano seu semelhante disse: — És meu! — ele curvou a fronte, e humilde, e rastejando qual erva, que se calçou aos pés, o vai seguindo? Porque o que é senhor, o que é livre, tem segura em suas mãos ambas a cadeia, que lhe oprime os pulsos. Cadeia infame e rigorosa, a que chamam: — escravidão?!... E, entretanto, este também era livre, livre como o pássaro, como o ar; porque no seu país não se é escravo. Ele escuta a nênia plangente de seu pai, escuta a canção sentida que cai dos lábios de sua mãe, e sente

como eles, que é livre; porque a razão lhe diz, e a alma o compreende. Oh! A mente! Isso sim ninguém a pode escravizar! Nas asas do pensamento o homem remonta-se aos ardentes sertões da África, vê os areais sem fim da pátria e procura abrigar-se debaixo daquelas árvores sombrias do oásis, quando o sol requeima e o vento sopra quente e abrasador: vê a tamareira benéfica junto à fonte, que lhe amacia a garganta ressequida: vê a cabana onde nascera, e onde livre vivera! Desperta, porém, em breve dessa doce ilusão, ou antes sonho em que se engolfara, e a realidade opressora lhe aparece — é escravo e escravo em terra estranha!²⁹

A reflexão de Túlio vai na direção oposta a qualquer fantasia de benevolência da escravidão. A alienação do africano escravizado em uma terra estrangeira é interpretada de maneira diametralmente oposta ao modelo cultural que gerou teorias sobre a harmonia racial, surgidas no Brasil no século XIX e consolidadas no século XX, sob a ideia de uma democracia racial.

Se o romance está repleto de episódios nos quais os escravizados, em face deste ambiente hostil, são apresentados como portadores de um silêncio autorreflexivo, é no primeiro encontro de Mãe Susana com Túlio, longe do olhar embrutecedor dos brancos, que a autoconsciência e ação desses personagens realmente florescem, sobretudo nas velhas reminiscências da África:

— Liberdade! Liberdade... .. Ah! Eu a gozei na minha mocidade! —
— continuou Susana com amargura — Tulio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah! Meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma: — uma filha, que era a minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah Tulio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até a própria liberdade!³⁰

²⁹ REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. *Op. Cit.*, 1975, p. 66-7.

³⁰ *Ibidem*, p. 120-1.

As memórias de Susana como uma mulher livre em sua terra natal (em algum lugar da África), como esposa e mãe, percorre a narrativa, que retrata sua jornada desde a captura e separação dos seus, até a terrível viagem em um navio negreiro e a venda final, já em solo brasileiro. Nessas passagens Firmina mostra sua criatividade e capacidade de tecer uma narrativa densa que ultrapassou qualquer código literário existente.

Conclusão

Como uma mulher de ascendência africana, ainda que livre, Maria Firmina foi aprisionada pela hierarquia racial, pelas regras sociais e dominância masculina vigentes no Brasil. Olhando para além de sua obra ficcional, é possível ver a poesia de amor feita por Firmina para outra mulher como um indicativo de que ela existiu também em uma prisão de heteronormatividade. No final das contas, Firmina usou a literatura e outras expressões criativas para representar para si mesma e imaginar para os outros uma saída desta prisão — e assim transformou o pessoal em ato político. Agora reconhecida como uma pioneira fundadora da literatura afro-brasileira, a visão feminista e antirracista de Firmina continua a ressoar. Sua vida e seu trabalho agora servem como referencial para feministas negras e outras que lutam por justiça no século XXI.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Horácio de. Prólogo. *In*: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1975.

CASTILHO, Celso Thomas, The Press and Brazilian Narratives of Uncle Tom's Cabin: Slavery and the Public Sphere in Rio de Janeiro, ca. 1855. **The Americas**, Cambridge, v.76, no. 1, 2019.

DAVIS, Tracy C. and MIHAYLOVA, Stefka (eds.) **Uncle Tom's Cabins: The Transnational History of America's Most Mutable Book**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2018.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Úrsula e a desconstrução da razão negra ocidental**. *In*: **Úrsula**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

FERREIRA, Lúcia F. Ethos, poética e política nos escritos de Luiz Gama. **Revista Crioula**. São Paulo, nº12, 2012. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/57813/60862>. Acesso em: 10/01/2022.

FERRETI, Danilo José Zioni. A publicação de "A cabana do Pai Tomás" no Brasil escravista. O "momento europeu" da edição Rey e Belhatte (1853). **Varia Historia**, Belo Horizonte, v.33, n.61, 2017.

FREDRICKSON, George M. **The Black Image in the White Mind: The Debate on Afro-American Character and Destiny, 1817-1914**. Middletown: Wesleyan University Press, 1987.

FURTADO, Lucciani M. (org) **Memorial de Maria Firmina dos Reis**. Prosa Completa & Poesia. São Paulo: Uirapuru, 2019

GAMA, Luiz. **Primeiras trovas burlescas de Getulino**. 1 ed. São Paulo: Typographia Dous de Dezembro, 1859.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Pai Tomás no romantismo brasileiro. **Teresa**, n. 12-13, p.421-429, 2013.

JESUS, Matheus Gato. **Racismo e Decadência**. Sociedade, Cultura e Intelectuais em São Luiz do Maranhão. [Tese de Doutorado] Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo 2015.

LOBO, Luiza. Autorretrato de uma Pioneira Abolicionista. *In: Crítica sem juízo: ensaios*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

MACHADO, Maria Helena P.T. **Raça, Ciência e Viagem no Século XIX**. São Paulo: Intermeios, 2018.

MARTIN, Charles. Uma rara visão da liberdade. *In: REIS, Maria Firmina dos. Úrsula*. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina dos Reis: Fragmentos de uma vida**. São Luís: Governo do Maranhão, 1975.

PINTO, Ana Flávia Magalhães; CHALHOUB, Sidney (eds.). **Pensadores negros - pensadoras negras: Brasil, séculos XIX e XX**. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2016.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Fac-símile. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1975.

———. **Úrsula**, Romance Original Brasileiro, por Uma Maranhense. San Luiz: Typographia do Progresso, 1859.

RESENDE, Rafael Serra. **"Atenas Brasileira": Representações sobre o Mito (1840-1880)**. [Monografia] UEMA, 2007.

SILVA, Régia Agostinho da. **A Escravidão no Maranhão:** Maria Firmina dos Reis e as Representações sobre Escravidão e Mulheres no Maranhão na segunda metade do Século XIX. [Tese de doutorado] Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014.

STOKES, Claudia. **The Altar at Home:** Sentimental Literature and Nineteenth-Century American Religion. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2014.

TOMPKINS, Jane P. **Sensational Designs:** The Cultural Work of American Fiction, 1790-1860. New York: Oxford University Press, 1985.

WOOD, Marcus. **Blind Memory:** Visual Representations of Slavery in England and America, 1780-1865. New York: Routledge, 2000.

Recebido: 15/12/2021
Aprovado: 11/04/2022